

3 ONDE TUDO COMEÇOU: A ESCOLA MUNICIPAL IMPÉRIO DA PAZ, A CRECHE CÉU AZUL E OS CAMINHOS DA PESQUISA

Neste capítulo, exponho os resultados da pesquisa monográfica que foram meu estímulo para continuar a pesquisa sobre o cabelo crespo no espaço da educação infantil. Em primeiro lugar, trago os relatos sobre o estudo feito na Escola Império da Paz, onde realizei o trabalho monográfico. No decorrer das páginas, apresento a etnografia da creche Céu Azul, na qual empreendi a pesquisa de mestrado.

Na educação infantil, a criança entra em contato com pessoas que possuem culturas, valores e crenças diferenciadas, o que se constitui como uma importante etapa da vida escolar, pois é nesse primeiro ambiente que ela forma sua identidade e a percepção do “outro”. O estudo de caso e a intervenção pedagógica que realizei em 2013 numa escola pública localizada na zona norte do Rio de Janeiro, denominada ficticiamente de Império da Paz³⁴, evidenciaram o sentimento de rejeição entre as crianças da educação infantil em relação aos seus cabelos crespos, assim como possibilitaram a identificação de falas preconceituosas oriundas dos adultos e referentes à aparência dos alunos que tinham cabelos crespos. A questão do racismo apresentou-se na educação infantil entre crianças com 5 anos de idade. As principais formas de preconceito identificadas eram relacionadas ao aspecto racial das crianças negras.

A escola onde se deu a pesquisa atende alunos da educação infantil e do ensino fundamental; possui apenas dez salas de aula, duas para a educação infantil, apresentando um ambiente muito limpo e organizado, com estrutura antiga, porém conservada, incluindo sala de informática, sala de leitura e espaço pedagógico, direcionado aos professores e às reuniões. O refeitório é bastante limpo e amplo, oferecendo refeições montadas por nutricionistas. A maioria dos alunos é morador do bairro e pertencente às classes populares.

A inserção na escola municipal Império da Paz aconteceu pela primeira vez em 2010, quando o curso de Pedagogia divulgou que a prefeitura da cidade selecionava estagiários para atuar nas escolas com educação inclusiva³⁵. O contato inicial com a unidade ocorreu por meio do estágio oferecido pela prefeitura na educação infantil, com crianças de 4 anos de idade, durante 18 meses (2010-2011). Havia nessa instituição alunos com uma situação familiar bem

³⁴ Os nomes das crianças e das escolas não foram citados com a finalidade de preservar o anonimato da instituição e de seus frequentadores.

³⁵ Educação inclusiva é um novo modelo de escola que torna possível que todos os alunos permaneçam em sala de aula sem discriminação e exclusões (GLAT, 2007).

estruturada, assim como meninos e meninas oriundos das classes subalternas que mal tinham alguém para buscá-los no final da aula. Após o fim do estágio remunerado pela prefeitura, permaneci atuando na escola voluntariamente por seis meses (2012) na turma com crianças de 5 anos de idade. Passei, então, a observar o cotidiano escolar com o olhar de pesquisadora, com o objetivo de elaborar minha monografia de graduação. Ao reeducar meu olhar, percebi que as relações raciais existentes na sociedade brasileira são reproduzidas nos espaços escolares da educação infantil. Foram essas percepções que me motivaram a realizar a pesquisa de final de curso e serviram de inspiração para o projeto que está sendo desenvolvido no mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da UER.

A intervenção pedagógica consistiu em um experimento com as crianças observadas no estudo de caso. Trabalhei com doze crianças de 5 anos de idade, sendo seis meninas e seis meninos da educação infantil. Primeiramente, utilizei a história infantil “O cabelo de Lelê”, com autoria de Valéria Belém (2008), pois a personagem principal busca respostas para a origem de seus cabelos cacheados e descobre sua relação com a ancestralidade africana. Em seguida, formei uma roda para discutir com as crianças a respeito das indagações da personagem acerca dos seus cabelos, de seu fenótipo e origem racial. Após a conversa, passei um espelho entre as crianças e expliquei que elas deveriam olhar a sua imagem refletida e relatar como se enxergavam. Conversei com os alunos negros e brancos sobre a variedade de cabelos existentes no mundo, que podiam ser lisos, crespos ou cacheados. Os meninos negros e brancos disseram como era a sua imagem e não expressaram desejo de ter os cabelos lisos ou de ser diferente fisicamente. No entanto, houve respostas distintas entre as meninas negras que descreveram como gostariam de ser, demonstrando preferência pelos cabelos lisos. A resposta das meninas brancas revelou que elas valorizam sua cor e textura de cabelo. O corpo branco em nossa sociedade é valorizado em detrimento da estética do negro e, portanto, as crianças brancas sentiam-se confortáveis com a sua aparência. Visto que, no imaginário social, o corpo negro e suas características não são aceitos e valorizados, mas sim destacados como símbolos de inferioridade, as crianças aprendem precocemente a rejeitar essa aparência. A partir das falas das crianças, identifiquei que a relação das meninas com seus cabelos é estabelecida pela visão social de que ter cabelos lisos é mais bonito do que ter cabelos crespos.

Nesse contexto, foi possível perceber já na educação infantil as crianças consideram importante a visão do outro, fazendo com que se assumir enquanto negro não fosse motivo de orgulho entre elas. Ao trabalhar com essa questão, trouxe o foco para as meninas, pois entre

os meninos não havia uma insatisfação declarada, não existindo oposição à característica da textura de seus cabelos em suas respostas.

A partir disso, dei continuidade ao experimento através dos desenhos. Foram distribuídos giz de cera e folhas de ofício entre as crianças. Os desenhos apresentavam algo muito comum, que era o uso do giz de cera na tonalidade chamada “cor de pele”, que é um tom de rosa claro. Aos poucos, as crianças trouxeram os desenhos, e perguntei a elas sobre a cor utilizada. As respostas concentravam-se na ideia de que eles eram claros, por isso se pintavam com cores claras. Nesse momento, algumas crianças disseram que pareciam com a personagem do livro “O Cabelo de Lelê”, porém os seus desenhos não se remetiam a uma aparência negra. Outro fator destacado relaciona-se a um menino negro, que decidiu desenhar, junto à sua imagem, a de uma colega de classe. O menino era negro e retratou-se como branco; no mesmo desenho, retratou a menina que estava ao seu lado como negra. A criança por ele desenhada era negra, assim como ele. A consciência racial da criança em questão voltou-se para identificar o outro, mas não a si mesmo como pertencente à raça negra. Assim, embora a maior parte da turma fosse de pardos, muitos não se identificavam como negros.

É compreensível que as crianças não valorizem sua aparência, pois elas percebem que seus traços não são socialmente aceitos, sobretudo quando estes dizem respeito ao cabelo crespo. Assim, no Brasil, foram construídas ideologias acerca da inferioridade do negro e essas ideias estão impressas no modo como a primeira infância se percebe. As meninas desenharam-se com os cabelos lisos e a cor da pele clara, mesmo sendo negras, manifestando confusão após a entrega dos desenhos, pois se autorretrataram embranquecidas. Além disso, um menino negro se retratou primeiramente como branco e de olhos azuis e, posteriormente, na mesma folha de papel, como negro. Quando indaguei sobre qual dos dois desenhos era ele, sentiu-se confuso e respondeu: “Os dois, mas eu gostei mais desse aqui”, apontando para o primeiro desenho. A fala em questão ilustra o discurso ainda presente de que ser branco e ter cabelos lisos é algo bonito, e ser negro é sinônimo de desvantagem em nossa sociedade, o que é percebido pelas crianças.

Ao mesmo tempo, um menino de pele clara e de cabelos crespos apresentou um desenho sem cor e disse: “Sou branco e com cabelos cacheados”. Então, perguntei por que ele não coloriu, e sua resposta concentrou-se no fato de ele se reconhecer daquela forma, pois afirmou: “É porque sou assim”. Ao perguntar sobre os desenhos, verifiquei que os padrões de beleza influenciam o modo como as crianças se representavam. Assim, pude perceber que o racismo produziu em muitos negros o desejo de fugir de seu pertencimento étnico e se aproximar do tipo estético do branco. Contudo, houve no Brasil uma maior adesão das

pessoas ao se declararem como pertencentes às categorias de pessoas pretas e pardas, o que nos chama atenção para os avanços na construção e valorização de uma identidade negra positiva.

Nessa perspectiva, o estudo de caso propiciou a investigação sobre como os adultos que tinham contato com as crianças no cotidiano escolar se situavam dentro do contexto das relações raciais. Esses adultos expressavam nos seus discursos que os cabelos de determinadas crianças precisavam ser penteados. A ênfase dada à palavra “penteados” estava sempre presente em suas falas, direcionadas a uma menina negra, que tinha os cabelos crespos. Um dos aspectos observados se refere ao fato de que quanto mais crespo é o cabelo, mais rejeição ele sofre. Quando a criança brincava no horário da recreação, duas funcionárias comentavam sobre a aparência da aluna e disseram: “O cabelo dessa menina hoje está pior”. Também identifiquei que o papel exercido pela criança negra nas brincadeiras que envolviam o manuseio do cabelo era de distância, visto que as meninas de cabelos crespos não eram penteadas por outras meninas no “salão de beleza”, um espaço criado dentro da sala de aula. Os cabelos lisos tinham preferência nesse momento do brincar em grupo ou entre pares. Esses aspectos apresentados durante a interação eram silenciados. Sendo assim, pude verificar dentro da instituição escolar a reprodução do racismo presente nas falas e nas ações dos adultos, e também no silêncio dos professores frente à questão racial. A pesquisa mostrou que as crianças vivenciam o racismo e que as ausências de práticas que eduquem as ações dos adultos colaboram para que, dentro do ambiente escolar, existam relações raciais pautadas no preconceito.

A escola Império da Paz e a creche Céu Azul onde realizei a pesquisa de mestrado são dois lugares com realidades distintas. A primeira escola atendia a crianças de favelas como o Morro dos Macacos e da Mangueira, mas também recebia alunos que tinham uma realidade social completamente diferente da oferecida nos morros da cidade. Eram atendidos filhos de professores, jornalistas, pessoas com maior poder aquisitivo, que viam o Império como um espaço de qualidade. O segundo local é uma creche municipal, situada num bairro periférico da zona norte do Rio de Janeiro, a Pavuna. O ambiente era procurado pelos moradores da favela local e do entorno também cercado por outras favelas. A maioria dos pais se posicionava como pessoas que desejavam um bom futuro para o filho e um local onde suas crianças pudessem ser bem cuidadas.

3.1 A escola, o professor e a formação do aluno negro na educação infantil

A pesquisa que realizamos na escola municipal evidenciou questionamentos acerca do cabelo crespo e da baixa autoestima em relação às características fenotípicas que configuram o aspecto racial. Tais características, como cabelo e cor de pele, representam incômodo, principalmente com referência às meninas, já que nas brincadeiras que envolviam o manuseio do cabelo, estas eram constantemente excluídas em decorrência de seus cabelos serem crespos.

A escola, em conjunto com o professor, tem um papel fundamental para a construção da identidade do aluno negro. Ela precisa adotar metodologias que colaborem para uma educação correspondente à identidade negra; os conteúdos trabalhados precisam trazer para a sala de aula situações cotidianas que erradiquem o racismo. Em se tratando de educação infantil, podem ser abordadas histórias africanas que tenham o negro como referencial positivo.

O professor, ao atentar-se para as relações em sala, deve enfatizar o respeito pela diversidade racial e pelas culturas presentes. A orientação precoce pode ser dada através da brincadeira, que é o modo como a criança aprende. Assim, a promoção da igualdade será trabalhada no cotidiano, propiciando meios positivos de se ressaltar as diferenças dos sujeitos. A contemplação desses aspectos constitui-se como um trabalho de educação das relações raciais e desmistificação dos preconceitos arraigados socialmente. O olhar atento do professor é uma estratégia contra o racismo destinado às crianças negras. A escola precisa ser um espaço de acolhida, devendo abranger a todos sem distinção e estabelecendo, com essa atitude, parâmetros de interação entre negros e não negros. A transformação perpassa a escola, a qual é um dos caminhos que podem contribuir para se criar reflexões acerca das questões pertinentes a uma educação antirracista. A intervenção da educação é uma afirmação de mudanças de atitudes frente a situações responsáveis pela trajetória acidentada da criança negra.

3.2 A etnografia na creche Céu Azul: o trajeto percorrido

O estudo sobre o que é familiar na pesquisa etnográfica nos dá a sensação de já termos visto e vivido determinadas situações. O estabelecimento no lugar comum e conhecido

acarreta na pesquisa o desafio de rever os nossos olhares e de desvendar a lógica das relações sociais. Como aponta Gilberto Velho (1978), podemos viver em uma sociedade, mas não conhecer os seus hábitos. O familiar tem mecanismos de funcionamento que são exóticos ao nosso olhar, pois não o conhecemos a fundo. A distância e a ausência de convivência propicia a formação de opiniões e estereótipos que só podem ser desconstruídos a partir da investigação, do exame crítico da sociedade.

Para a realização da etnografia, a observação participante e a entrevista semiestruturada foram as principais técnicas utilizadas. A observação é de suma importância para a pesquisa etnográfica desenvolvida, pois ela permite o acompanhamento do cotidiano, a análise dos discursos, ações, regras de funcionamento que operam dentro do grupo. As fases iniciais marcam o início de uma busca diária pelo exótico, pela re colocação das regras. Assim, surgem as possibilidades de respostas que podem fechar lacunas ou contribuir para o avanço de saberes que iluminem outras descobertas.

A descrição do local e das situações do cotidiano escolar é fundamental para o levantamento de questões que são analisadas, interpretadas e revistas dentro de sua lógica e em relação com a questão racial em sala de aula.

As entrevistas realizadas com os profissionais do local têm o objetivo de entender as relações raciais efetuadas no espaço e fora do espaço, as ações dos sujeitos, suas falas, opiniões sobre cabelo liso, crespo e cacheado, cor, criança branca, criança negra, histórias de vida, trajetórias profissionais que influenciam diretamente no modo como agem, atuam e interagem com os bebês e entre si. Contudo, é preciso salientar que as entrevistas apresentam o intuito maior de possibilitar a abordagem de um aspecto importante da pesquisa, qual seja, a relação da criança negra com o seu cabelo na educação infantil a partir da intervenção/convivência com o adulto, temática principal do estudo. Os adultos se constituem como parte importante para a formação da identidade da criança, pois suas ações e discursos implicam na reprodução de pensamentos arraigados socialmente, como a expressão cabelo bom/cabelo ruim.

Isso posto, localizar de onde surgiram determinadas posturas e como elas influenciam a consciência racial dos sujeitos responsáveis pela educação da criança pequena no espaço da pré-escola torna possível entender o universo pesquisado. É importante destacar que o visual da sala também implica na construção da autoestima da criança negra. Logo, imagens, bonecas negras, livros com histórias que tenham personagens negros são fundamentais para formação identitária dos alunos. As relações entre a professora que está no lugar de observadora das ações de outra professora e suas auxiliares são motivo de

tranquilidade, pois torna as ações e atitudes naturais. O acompanhamento com o diário de campo é muito favorável à pesquisa, propiciando inúmeras revisitas aos acontecimentos observados.

3.3 A creche Céu Azul: o lugar

A creche Céu Azul está localizada no centro de uma grande comunidade. Os moradores, professores e demais profissionais costumam ter acesso ao local através de duas ruas e algumas vielas bem estreitas. A rua principal é cercada por casas e pequenos comércios que atendem as necessidades dos moradores. A cultura local é formada por uma grande parcela de nordestinos, donos de padarias, artesões que trabalham com a fabricação de gaiolas.

O lugar fica próximo ao Ceasa de Irajá³⁶, que abastece feiras e mercados, servindo também como fonte de renda para muitos moradores e catadores de alimentos. O entorno da creche tem alguns problemas relacionados a asfalto e rede de esgoto. Os moradores costumam sofrer com enchentes, pois há um rio próximo às casas que são também muito próximas umas das outras, algumas até construídas sem divisão.

A maioria dos profissionais não mora na comunidade, utilizando a Avenida Brasil para chegar ao local e também uma passarela bem antiga onde foram construídos barracos de madeira. Considerado melhor, o trajeto da passarela é mais usado em dias de chuva. Para chegar lá é preciso atravessar a Avenida Brasil, descer uma pequena ladeira que possui muitos buracos e relevos. É no final desse caminho que está a creche Céu Azul. A construção existe há 10 anos e preenche uma importante lacuna na realidade dos moradores e dos frequentadores do local. A escola de formato arredondado tem como principal característica ser toda pintada de tons azuis em seu interior, possui muros baixos, um belo jardim na entrada, com rosas e outras flores plantadas pelo faxineiro. O muro é branco e verde, com um desenho muito colorido e que consiste em uma espécie de marca do local. As cores dão alegria e vida à paisagem cinzenta da rua. Logo que atravessamos o portão de ferro azul, nos deparamos com um portão de madeira que tem como enfeite flores, assim como o muro que cerca a escola. O desenho é bem antigo e está desbotando aos poucos. A parede principal tem tijolos com o modelo aberto, o que torna possível ver o ambiente externo.

³⁶ O Ceasa de Irajá-RJ é uma empresa vinculada à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional, Abastecimento e Pesca. Fonte: <www.ceasa.rj.gov/ceasa_portal/view/portal.asp>. Acesso em: 20 fev. 2015.

Quando o portão de madeira é aberto, à esquerda, há uma grande sala de leitura. Esse espaço tem duas mesas pequenas, algumas cadeiras antigas, dois grandes armários com livros infantis. A sala tem quatro grandes janelas e um painel que representa uma casinha colorida. À direita, encontra-se o refeitório com mesas e cadeiras pequenas do tamanho proporcional ao das crianças. Todas as mesas são forradas com capas plásticas na cor azul. Do lado direito da porta de entrada há um bebedouro cinza, três lavatórios pequenos e sabonete líquido para a higiene das crianças antes das refeições. O lugar tem três janelas grandes e embaixo delas uma pequena horta cultivada pelo faxineiro. O teto tem uvas, maçãs e bananas penduradas como enfeite e incentivo à boa alimentação.

Na direção do portão de entrada funciona a secretaria, que possui uma porta na cor azul, além de uma janela de vidro coberto por uma persiana cinza. A sala tem três mesas na cor branca onde ficam papéis, calendários e um computador com uma pequena impressora. Do lado direito, há uma impressora maior de uso profissional. Há um pequeno frigobar com um vaso de flores em cima, uma lata de biscoitos e alguns avisos colados. Atrás da mesa da direção, existe uma bancada com livros e alguns documentos, assim como o telefone da creche. De frente para a bancada, há um pequeno almoxarifado onde ficam documentos e materiais, como emborrachados, luvas, tintas, resmas de papel, canetas, colas de diversas cores, massinhas coloridas. Ao lado do almoxarifado encontra-se um pequeno banheiro com um espelho e uma pia, utilizados pelos funcionários da administração.

No primeiro andar do prédio, há duas salas frequentadas pela turma do maternal, na faixa etária de 3 anos de idade. A segunda é bem ampla e tem na porta de entrada uma boneca feita de emborrachado, além de dois armários. Há quatro mesas coloridas, uma TV, um aparelho de DVD e de som. À esquerda, perto da TV, há um espaço onde são guardados os colchonetes e os lençóis das crianças. Logo em frente, tem um corredor com bebedouro e duas pias que ligam as duas salas e o banheiro dos alunos. A segunda sala é menor, mas também tem enfeites, cartazes, uma TV, um aparelho de DVD, um balcão que agrega um armário multiuso onde estão os materiais de uso diário das crianças e da professora. As mesas e cadeiras são brancas e estão organizadas em fileira.

Além disso, o primeiro andar tem um pequeno solário onde são realizadas brincadeiras com velocípedes, gangorra e outras da preferência dos alunos. De frente para as salas há um escorregador vermelho e amarelo onde as crianças costumam brincar. No mesmo sentido dessa sala há também um pequeno espaço onde ficam os materiais de limpeza.

O segundo pavimento têm quatro salas nas quais ficam as crianças do Maternal 1. As duas primeiras salas tem a mesma proporção de largura das salas do primeiro andar. A

primeira sala do segundo pavimento tem como enfeite uma flor na porta, possuindo seis mesas, armário multiuso, um DVD player, uma televisão, desenhos feitos pelas crianças espalhados pelas paredes. Há um corredor com um bebedouro, duas pias e um banheiro para os alunos. A segunda sala do segundo pavimento tem seis mesas e um armário grande na cor cinza. Em suas paredes há enfeites de animais, como girafas, macacos e também flores. Há desenhos das crianças por todo o ambiente.

O segundo pavimento também conta com um pequeno solário e um escorrega. Do outro lado, há duas salas onde são recebidos os bebês. Há o Berçário 1 e o Berçário 2. O primeiro berçário corresponde ao contato inicial das crianças com a creche. Elas ingressam a partir dos 6 meses de idade e recebem os estímulos para se desenvolverem através de músicas, histórias e brincadeiras. A sala tem cartazes na parede e móveis no teto que lembram o fundo do mar. Há um grande tatame azul no qual os bebês ficam livres para brincar, pular e engatinhar. Na direção da porta há seis grandes janelas e dois aparelhos de ar-condicionado. Em frente à janela tem duas mesas pequenas e dois armários enfeitados com emborrachado. À direita, há uma pequena estante onde ficam os livros confeccionados com plástico e tecido próprio para a faixa etária atendida. A sala acomoda três gangorras e um grande saco de bolas, além de brinquedos como bonecas de pano, de plástico, jogos pedagógicos e um aramado. Nesse ambiente, tem o banheiro dos bebês, que possui duas grandes pias para banho e um vaso sanitário pequeno, além de uma cozinha própria para o preparo dos alimentos das crianças.

O Berçário 2, na sala ao lado, é um espaço amplo, com DVD, TV, ar-condicionado, ventilador, tatame, duas mesas pequenas e um grande armário. Logo na entrada há uma corda com os desenhos das crianças pendurados e uma caixa com brinquedos variados. Suas paredes são coloridas e a porta tem o enfeite de um pássaro. A área externa é cercada por grades onde estão pendurados diversos cartazes com produções de todas as turmas de educação infantil.

No capítulo seguinte, apresentarei a equipe responsável pelo cuidado e educação das crianças na creche, bem como a visão de seus responsáveis sobre infância, racismo e cabelo.